

**SOB OS OLHARES DE JOEL RUFINO E LIMA BARRETO:
REFLEXÕES SOBRE LINGUAGEM,
MEMÓRIA E IDENTIDADE**

Flora de Jesus (UNIGRANRIO)

florjesus40@yahoo.com.br

Idemburgo Pereira Frazão Félix (UNIGRANRIO)

idfrazao@uol.com.br

Duas trajetórias. Mapeadas pela recusa de não silenciar-se, de não calar-se. Uma representa o grito abafado do oprimido que teima relutantemente, a outra é o próprio grito estridente e obstinado. Ambas convergem para a luta, empunhando a criação artística literária como arma. Início este estudo com os versos da música de Chico Buarque²⁴⁰, *Apesar de você*, composição da década de 70, criada em plena ditadura militar, tendo sido caçada na época. Tal composição representa muito bem, o percurso histórico e político do professor Joel Rufino dos Santos, que foi preso e exilado na época da ditadura das décadas de 60 e 70, sob a acusação de expor sua opinião contrária ao sistema vigente através de suas aulas e de seus livros.

Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia

Você vai ter que ver
A manhã renascer
E esbanjar poesia

Como vai se explicar
Vendo o céu clarear
De repente, impunemente

Como vai abafar
Nosso coro a cantar
Na sua frente.²⁴¹

Trajcetórias de brasileiros que se cruzam: sansões, privações, exílios, tentativas de silenciamentos... “Apesar de você” a arte e a criação não se calam.

²⁴⁰ Chico Buarque de Holanda, compositor brasileiro.

²⁴¹ *Apesar de você*. PolyGram, 1993.

Uma seleção de cartas escritas de meados de 1973 a inícios de 1974, na prisão em São Paulo, endereçadas a seu filho Nelson de oito anos, compõem seu livro *Quando eu voltei, tive uma surpresa* (2000). Ruffino, ao escrevê-las, busca resguardar na memória do filho, a sua figura de pai zeloso, a de pai professor contador de histórias e a de pai cidadão brasileiro. Nelas, as várias posições do sujeito entrecruzam-se, complementando-se. É nesse espaço narrativo, onde se evoca a memória individual e coletiva, que se constrói o eu que nos fala, situado histórica e socialmente, possibilitando uma leitura da sociedade em um determinado tempo histórico.

Nelsinho, meu querido,

(...) Esta carta é para lhe contar o que está acontecendo comigo. Eu viajei logo depois do Natal. Se lembra? Fui ao norte do Brasil, trabalhar. Quando eu voltei, tive uma surpresa. Fui convidado pelo governo a contar algumas coisas que eu fiz. Por exemplo: eu dei algumas aulas sobre coisas que o nosso governo não gosta; contei algumas histórias que o nosso governo não gosta que se conte; e, finalmente, escrevi alguns livros que o nosso governo também não gostou. Aí, o governo me pediu que esclarecesse todas estas coisas. Bom, você já sabe que as pessoas têm de esclarecer coisas deste tipo é com o juiz. Eu te expliquei uma vez o que era um juiz – e acho que você mesmo já viu um na televisão. (SANTOS, 2000, p. 9).

Segundo Ecléa Bosí (1994, p. 89), “todas as histórias contadas pelo seu narrador inscrevem-se dentro da sua história, a de seu nascimento, vida e morte”. Em uma perspectiva literária, a suposta voz de quem narra é a de seu criador-autor. Dessa maneira, a narrativa no formato carta, de conteúdo autobiográfico funciona, não só como instrumento de aproximação entre os sujeitos (o que as escreve, o que as recebe e/ou lê), entre os espaços (o cárcere e o familiar) e o tempo (pretérito, presente e futuro), mas também como ação estratégica ao trazer à tona as dificuldades, as atitudes e os pensamentos vividos. Em um período, em que expressar uma opinião contrária à do sistema, resultava em privação, pois “hoje você é quem manda / falou tá falado / Não tem discussão, não”. (HOLLANDA, 1993).

Nelson. Voltando ao assunto do juiz. (...) Ele, então faz uma porção de perguntas sobre o nosso caso. Por exemplo, ontem ele perguntou se eu continuava com as mesmas opiniões, se eu continuava a ser socialista. Eu respondi: “Sim... Porque isto não é crime. As pessoas podem ter as opiniões que quiserem.”. Aí, ele perguntou: “E o senhor vai continuar a lutar contra o governo?” eu respondi: “Não. Agora eu quero sair em liberdade para trabalhar e ficar com meu filho.” (*Idem*, 2000, p.135)

Um período marcado por vários tipos de violência, em especial, destacamos aqui, a simbólica, faz-se necessário uma reflexão sobre as relações desta com as condições de produção do discurso e, inclusive, sobre a função social que o eu (autor) assume perante sua própria fala, naquilo que pode ser ou não dito. Nessa perspectiva, é que tendo imbricações ideológicas, o discurso varia conforme a situação em que é produzido, bem como variam as várias vozes que o anunciam. Ancorando-nos aos ensinamentos de Foucault, através dos estudos de Orlandi (2001), desse *assujeitamento* ao poder ideológico, o eu e seu discurso são condicionados a partir da posição que ocupam em um lugar e em um tempo. São as relações de poder determinando o que se deve ou não dizer para um interlocutor que detém a autoridade da palavra instituída. Retomando Foucault, a autora nos adverte: “Devemos ainda lembrar que o sujeito discursivo é pensado como “posição” entre outras. Não é uma forma de subjetividade, mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que diz (...)” (ORLANDI, 2001, p. 49).

Entre esses lugares ocupados pelo sujeito, debruçemo-nos sobre a posição do autor. Ainda, segundo a mesma autora, retomando mais uma vez Foucault, nos afirma que a “função autor” é que estaria mais afetada pela ação do social e do poder ideológico, submetida às regras de controle. (*Idem*, p. 74-76). Assim, o sujeito na sua função autor, assume a responsabilidade do que diz e como diz. Assim o é também, para o leitor, cuja posição varia segundo a sua leitura em um dado tempo histórico.

1. Um leitor de Joel Rufino: alguém que de repente ver o céu clarear...

Voltando-nos para os versos de Chico Buarque, podemos reinterpretá-los com outro olhar: um leitor de Joel Rufino, alguém que alheio “aos sofrimentos e aos poderes de sua raça, de repente ver o céu clarear...” Sobre esse sentimento alheio de que nos acomete em vários momentos da nossa historicidade brasileira, Pierre Bourdieu (2008, p. 46-64) o chama de “violência simbólica”. Esta se pauta na aceitação por um grupo, de certas regras e crenças impostas arbitrariamente, privilegiando a cultura e o saber dominantes, em detrimento da cultura e do conhecimento do dominado, avaliados com valores depreciativos. Nesse enfoque, as produções simbólicas como mito, língua e religião, são instrumentos de dominação, pois podem unir e também alienar. Essa ação do poder simbólico, legitimando e marginalizando no interior das relações

sociais, se manifesta, segundo Bourdieu, através do *capital econômico* (bens e dinheiro), do *capital cultural* (diplomas e títulos), do *capital social* (relações sociais) e do *capital simbólico* (prestígio). O acúmulo desses bens durante o percurso de vida é que nos legitimaria na escala social, bem como a aquisição do gosto pela apreciação dos valores culturais de hegemonia (*capital cultural incorporado*). A desigualdade no acúmulo de bens e na distinção do gosto cultural resulta da diferença de origem e das oportunidades sociais de uma sociedade hierarquizada que ignora as diferenças. Nestor Caclini levanta tais questões ao levar-nos à reflexão sobre *Culturas híbridas, poderes oblíquos* (1997), onde analisa a “hibridação intercultural” como formas de combate ao poder simbólico cultural instituído, cujo objetivo é homogenear o olhar do ponto de vista da cultura hegemônica. Desse modo, esse poder oblíquo, esse combate “metafórico” se expressa, simbolicamente, através de manifestações culturais ora individuais, ora coletivas.

Há ainda outro modo pelo qual a obliquidade dos circuitos simbólicos permite repensar os vínculos entre cultura e poder. A busca de mediações, de vias diagonais para gerir os conflitos, dá às relações culturais um lugar proeminente no desenvolvimento político. Quando não conseguimos mudar o governante, nós o satirizamos. Nas danças do Carnaval, no humor jornalístico, nos grafites. Ante a impossibilidade de construir uma ordem diferente, erigimos nos mitos, na literatura e nas histórias em quadrinhos desafios mascarados. A luta entre classes ou entre etnias é, na maior parte dos dias, uma luta metafórica. Às vezes, a partir das metáforas, irrompem lenta ou inesperadamente práticas transformadoras inéditas. (CACLINI, 1997, p. 348-349).

Eis a incubência do leitor atento de Joel Rufino, não mais alheio e a mercê dos poderes que agem na invisibilidade.

Joel Rufino em seu livro *Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres* (2004, p. 191-194), ao falar sobre o campo atual da cultura, salienta que esta é a brecha que teríamos para “furar” o pensamento unilateral e com ela ultrapassar o campo da invisibilidade. O conceito de cultura, agora ampliado, nos permite considerar como cultural em todo seu processo histórico-social, por exemplo, os tipos da baiana do acarajé, das rendeiras de bilro, os repentes, os falares regionais e as obras literárias que não são concebidas como cânones. A valorização da cultura popular que estava à margem, tornou-se foco dos novos estudos. Assim o é na literatura, onde o poder simbólico se torna visível e o senso comum é reorientado, por meio de um novo olhar sobre as relações de poder e as formulações preconcebidas cultuadas através dos tempos.

Em sua obra *Na rota dos tubarões, o tráfico negreiro e outras viagens* (2008), o professor Rufino dos Santos recria a história de viagem de um navio do tráfico negreiro, embasando-a em fatos reais. No trecho que trata dos escravos no Brasil, nos elucida sobre o processo de coisificação por que passava a pessoa do negro, para torná-lo escravo, despojando-o de qualquer significado cultural e, portanto, de sua identidade:

Contava era a proibição de usar o nome africano, adorar os deuses africanos, praticar os ritos africanos, falar as línguas africanas. Os europeus chamavam essa tesoura que separava o negro da sua gente de cristianização. (2008, p. 57-59).

Ainda hoje, sentimos os resquícios desse processo de coisificação, na negação da cor e da cultura herdada. Como já aludido, a Língua não se isenta de carregar representações dos processos ideológicos. A expressão *Todo preto se parece*, reflete bem essa referência à coisa, à mercadoria, ao objeto sem traços humanos para identificá-lo. A essa expressão, Rufino dos Santos explica o quão preconceituosa e ignorante ela é, pois tem em sua representividade a imagem que temos da África, um continente sem diversidade. (*Idem*, 2008, p. p.59). É essa releitura que Joel Rufino dos Santos no convida a fazer por meio da narrativa literária. Ler nas entrelinhas do discurso, seja por seu viés linguístico, filosófico, histórico, literário e por fim, político. Voltemo-nos um pouco mais sobre os versos de Chico Buarque...

Eu pergunto a você onde vai se esconder
Da enorme euforia?
Como vai proibir
Quando o galo insistir em cantar?
Água nova brotando
E a gente se amando sem parar. (*Idem, Ibidem*)

“Há política, no sentido de ‘luta pelo poder simbólico’, o poder que finge não ser poder”. É essa a justificativa para a suposição feita por Rufino dos Santos: “Talvez alguém ache que há muita política nesses ensaios, em sua obra *Quem ama literatura, não estuda literatura*” (2008, p. 12). Aí está uma noção, entre tantas do senso comum, que se resume em “não falar de política”. Mas, se somos seres políticos?... Na polissemia dos sentidos, redirecionemos os versos de Chico para um já citado leitor de Rufino dos Santos, o qual tomando forma corpórea pouco a pouco, não tem “onde se esconder, nem como proibir” esse florescer de sentidos das reflexões tecidas pelo “galo que insiste em cantar”, pois como poe-

zou Cabral de Melo Neto, “um galo sozinho não tece uma manhã²⁴²...” Essa constituição de sentidos entre o dizer e o já dito, é que torna o leitor “água nova brotando...”.

2. *O olhar sobre Lima Barreto*

Ao concluir que para trabalhar para os pobres, o intelectual é um trabalhador da cultura e também, seu porta-voz, Rufino cita, entre outros, Lima Barreto como intelectual que rompeu com os ideais do status quo vigente pertencentes à uma tradição. (SANTOS, 2004, p.78).

O movimento real vida-obra nunca é mecânico, como acreditam os biógrafos até mesmo aqueles que prezam o autor de Policarpo Quaresma. É dialético: sofrimentos do escritor o aproximaram da corrente renovadora das idéias de sua época – que em literatura era antiestetizante – o que lhe permitiu enxergar a dimensão social de certos fenômenos, o que, por sua vez, os levou à criação literária de situações, personagens e ambientes típicos. O final desse processo foi o escritor fazer-se personagem de si mesmo, (...). (*Ibidem*, 2004, p. 107).

De fato, nas obras citadas do professor Rufino dos Santos, vemos criador e obra em um jogo de espelhos, em que o duplo resulta na expressão do real. Daí, o dilema em questão, “como podem os intelectuais trabalhar para os pobres?” Que Rufino dos Santos qualificou de angustiante para muitos e que em Lima Barreto, se estenderia no complicador racial. (*Ibidem*, p. 105). Outro estudioso da obra de Lima Barreto, como o professor Idemburgo Frazão afirma que:

Lima Barreto é um desses autores que consegue, partindo de temas, aparentemente corriqueiros, provocar reflexões profundas sobre a sociedade, em relação às contradições da alma humana e, principalmente, acerca das injustiças sociais. (2010, p. 33).

Semelhante a Joel Rufino dos Santos que classifica Lima Barreto como um intelectual que trabalha para os pobres e por isso livre das ilusões burguesas, Idemburgo Frazão (2010), levanta como tema a literatura em sua relação com a memória, mais especificamente a memória social. É nela que se evoca o jogo do simbólico e do real no fazer literário. É nesse espaço dicotômico do real e do simbólico, que se confrontam as angústias dos seres. Nele, também interagem o religioso e o profano, o

²⁴² *Tecendo uma manhã*. In: Melo Neto (1966).

medo e a coragem, o belo e o grotesco, o consciente e o inconsciente. É aí, que o ser desvela-se e desvelam-se as personagens de Lima Barreto.

Segundo o professor Joel Rufino, a primeira marca do social em Lima Barreto é a limitação geográfica do Rio de Janeiro por onde se movimentam, de modo geral, suas personagens.

– uma linha quase reta, de Todos os Santos à Central, prolongada de bonde, um que outro domingo, até ao Leme, à Inhaúma, à Boca do Mato –, (...). (SANTOS, 2004, p. 105-106).

Dessa maneira, continua Joel Rufino, esse pequeno espaço retrataria de forma profunda o drama das (suas) relações sociais da época. A vida de Lima Barreto não foi pontuada por sucessos, “era a dolorosa consciência dos próprios fracassos que o possuía”. (2004, p. 107). Seus personagens embebidos em bovarismos, fuga da condição real do que se é para uma condição idealizada do que gostaria de ser, representavam “a régua e o compasso com que a criatura amargurada saiu a medir o mundo”. (2004, p. 108-109). Rufino dos Santos classifica o fenômeno do bovarismo uma doença nacional da época, como a de ser doutor, por exemplo. Assim, que tal doença, nos pobres os alienava e aos ricos os constituía de um poder instituído. Rufino nos aclara que tal fenômeno age de forma justaposta à questão racial, duas instâncias opostas, agindo lado a lado, cujo poder é inferiorizar dentro da lógica colonialista: embranquecer através do título de doutor. Sendo um exemplo de violência simbólica, a ideologia do branqueamento moral e social foi colocada em prática na época pós-escravagista e consiste em agir e pensar nos moldes do branco. Destituindo-se de suas características próprias, despersonalizando-se, o negro de alma branca, como era chamado, via nessa atitude uma ascensão social.

Pondo em destaque a questão do capital cultural, podemos afirmar que tal qual Joel Rufino, Lima Barreto também entendia que “o título de doutor, que cristaliza a noção de poder cultural, no Brasil, por parte daqueles que já detém o poder econômico, está incrustado” na memória coletiva brasileira (Cf. FRAZÃO, 2000, p. 130). Nesta perspectiva, a memória coletiva (HALBWACHS, 2004) influencia a memória individual construída a partir das vivências e aspirações da sociedade em questão. Sendo assim, constatamos:

É muito comum atribuímos a nós mesmos, como se apenas em nós se originassem as ideias, reflexões, sentimentos e emoções que nos foram inspiradas pelo nosso grupo. (...) De qualquer maneira, à medida que cedemos sem resistência a uma sugestão externa, acreditamos pensar e sentir livremente. É

assim que em geral, a maioria das influências sociais a que obedecemos, permanece desapercibida por nós. (*Idem*, 2004, p. 64-65).

É verdade, segue o culto, na sociedade contemporânea brasileira, ao título de doutor. Desejado por muitos e concretizado por poucos, permanece no âmago do pensamento das elites e, embora, vislumbrado pelas camadas populares, haja um esforço das ideologias neoliberais no âmbito educacional (BIANCHETTI, 2001), em reinstaurar a prática tecnicista dos cursos profissionalizantes para esses últimos. Isto significa outorgar à escola dos menos favorecidos, à mera função de formadora de “recursos humanos” para o mercado globalizante, enxugando, paulatinamente o currículo dos cursos de ensino médio das escolas brasileiras. A partir desse contexto, convém perguntar: E o estudo da Literatura, em que patamar se consolidaria?

3. A função da literatura em Lima Barreto

Provocar, causar estranhamento eis dois objetivos relevantes, entre outros, da obra de ficção. Ambos no sentido de sua recepção, na inter-relação entre autor, obra e leitor.

Causando-nos inquietação e desconforto, os escritos de Lima Barreto apresentam-nos dados da época em que viveu e traços marcantes de sua vida cercada pelo embate às ideologias raciais e da luta pelo reconhecimento não só literário, mas também humano. Através de suas personagens, permite-nos, uma releitura da sociedade brasileira contemporânea, de nossa crise identitária e da busca desenfreada pela autoafirmação de uma unidade nacional perante a cultura colonialista. Segundo Cuti (2011), Lima Barreto chegou à concepção de literatura militante de caráter social sob a influência de escritores franceses, abordando temas como a moralidade, a compreensão da época em que vivia e a natureza humana. (2011, p. 27-28). Esse descortinar do passado no presente instiga o leitor a ampliar sua leitura do real, inquietando-se com os conflitos das personagens da obra ficcional barretiana. Joel Rufino, em sua análise sobre literatura, afirma: “A literatura vive lembrando à ciência que o homem, antes de ser inteligência do mundo e senhor das máquinas, é desejo insatisfeito”. (2008, p. 36).

4. *Memória e contemporâneo*

Bauman (2005) atenta-nos para a memória seletiva da história, já que esta pode “incluir, excluindo e iluminar lançando sombras”. (p. 26). E segue seu raciocínio, ao concluir a impossibilidade humana de reconstrução total da memória. Também, em Chiara (2001), lembrar seria deslocar imagens de um tempo passado para o tempo presente, mas essa imagem deslocada não seria igual ao que foi. Nessa concepção “se não há recuperação do passado – em si, não há recuperação do sujeito – como foi”. (*Idem*, p. 23). Diante do exposto, é relevante a indagação feita em Joel Rufino dos Santos (2008), de como se escreve história, se é possível escrevê-la sem imaginação. Ao que respondeu:

Verdade em história é, primeiro que tudo verossimilhança – fidelidade ao sentido histórico daquele período e lugar. Se pode saber com relativa certeza o que aconteceu, mas, como só experimentamos o acontecido pela imaginação, contar essa experiência a pessoas de outra época e lugar exige talento. (*Idem*, p. 106-107).

E em outra passagem sentencia: “Romances balizaram a minha vida: sei o que li. Procuro quando e onde; só então revivo sensações, resuscito criaturas de carne e osso”. (SANTOS, 2008, p. 23).

Mas, e em relação às questões levantadas, como ficam todas essas reflexões em meio ao tempo veloz contemporâneo? Como ficam nossas memórias em pleno culto ao “esquecer, apagar, desistir e substituir”? (BAUMAN, 2007, p. 9). Por agora, fiquemos com a afirmação de Halbwachs (2004, p. 97): “não há na memória vazio absoluto, (...)”. Por conseguinte, continua o autor, é preciso que “a memória dos outros, venha a reforçar e completar a nossa”. (p. 98).

5. *Considerações finais*

Apesar de você
amanhã há de ser outro dia
Quando chegar o momento
Esse meu sofrimento
Vou cobrar com juro. Juro!
Todo esse amor reprimido
Esse grito contido
Esse samba no escuro (*Idem, ibidem*).

Relações do real com o imaginário. É essa a síntese dos estudos literários. É nessa saga Barretiana que “vendo o céu clarear, de repente”, percebemo-nos leitores de Joel Rufino dos Santos, não mais como porta-

vozes de uma cultura dominante, mas como professores trabalhadores da cultura do nosso tempo. “Amanhã há de ser outro dia”, pois preocupados em ultrapassar essas barreiras invisíveis, tendo o discurso literário como mediador e espaço desmistificador das interações sociais, instaura-se o resgate das memórias social e individual. São as memórias de si e dos outros que se/nos representam além das aparências em um dado tempo histórico. Assim, “engendrar por meio de um belo relato, a ilusão de que o imaginário é real” (SANTOS, 2008, p. 189), onde o privilegiado leitor de Joel Rufino se veria neste último, complementando-se, ora como voz uníssona, ora voz dissonante, fazendo-se personagem e coautor de si mesmo.

Essas reflexões introdutórias sobre a obra do professor Joel Rufino dos Santos dão início a um estudo, no qual se buscará um modo de ler literatura, revisitando as páginas da história da sociedade brasileira, contudo sem o olhar embaçado de outros tempos. Tomada como por encantamento, testemunho de suas aulas, presencio o ser real transportado agora, ao ser imaginado.

O tempo do papel não dá para te contar, leitor, o quanto vale o Joel romancista, o Joel criador de literatura que só é infantil porque chega ao coração de qualquer idade; o Joel ensaísta, o conhecedor de sofrimentos e dos poderes de sua raça, (...) ²⁴³

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- _____. *Vida desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BIANCHETTI, Roberto G. *Modelo neoliberal e políticas educacionais*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. Dossiê Pierre Bourdieu. *Revista CULT*, n. 128, ano 11, setembro 2008.
- CUTI. *Lima Barreto*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

²⁴³ Apresentação na contracapa do livro de Joel Rufino feita por seu amigo Thiago de Mello. (SANTOS, 2000).

FRAZÃO, Idemburgo Pereira. Carnaval e superação: literatura e memória. In: ROCHA, José Geraldo da; NOVIKOFF, Cristina. (Orgs.). *Desafios da práxis educacional à promoção humana na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, 2010.

_____. *Burocracia como imaginação*: três momentos da literatura brasileira e suas fronteiras. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000, 364 fl. Tese de doutorado em Literatura Comparada.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. [s.n.e.], 1966.

ORLANDI, Eni Puccinelli. (Org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 1998.

PRADO, Antônio Arnoni. *Lima Barreto*. Literatura comentada. São Paulo: Abril, 1980.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Quando eu voltei, tive uma surpresa*: (cartas a Nelson). Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

_____. *Épuras do social* – como podem os intelectuais trabalhar para os pobres. São Paulo: Global, 2004.

_____. *Na rota dos tubarões*: o tráfico negreiro e outras viagens. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

_____. *Quem ama literatura, não estuda literatura*: ensaios indisciplinados. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

_____. *Assim foi* (se me parece). Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

_____. *A banheira de Janet Leigh*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.